

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 9 de Novembro de 1856.

N. 11.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

XI.

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIRIATO.

XII.

O temor dos Romanos não era infundado. Baticidos por toda a parte, elles viam pouco a pouco fugir-lhes o poderio que tinham na Hespanha, pois que Viriato não contente em oppor uma resistencia heroica ás pertencções d'aquelles, perseguia os povos vesinhos, alliados dos Romanos. Esta guerra, verdadeiramente nacional, estendia-se de um a outro lado com a rapidez do raio; os Lusitanos pareciam brotar da terra á maneira que o grito de revolta se fazia ouvir, e cada dia a historia marcava um revez para os conquistadores. Tem-se pertendido attenuar a ambição dos Romanos, condemnando-se a resistencia que lhe punha cobro. Desculpam-os por terem apparecido em campo adornados desse immenso prestigio que os levou á posteridade, como induzindo a crer que essas conquistas eram apoiadas no direito primitivo; accusam os Lusitanos porque não podiam ver indifferentes os meios illegaes com que se apresentavam para os subjugar, como se elles, que não tinham por si mais que o seu valor e a sua coragem, não estivessem no caso de reclamar aquillo que lhes roubavam. E como reclamavam elles o que era seu? Expunham-se ao combate, defendiam-se em campo, e jámais os viram empregar os meios extremos de que seus inimigos lançavam mão. Viriato esperava. O territorio Lusitano estava livre dos Romanos, o valente capitão admirado desta inercia resolveu-se a despertar-os, e fez diferentes excursões pelos paizes vesinhos.

Penetrando até á Hespanha, chamou seus habitantes ás armas, e conseguiu recolher-se com um exercito respeitavel. O governo de Roma ac-

cordou por fim. Um novo Pretor vinha á Lusitania no intento de vingar seus irmãos. Claudio Unimano, conhecido pela sua valentia e experiencia, trazia da Italia forças consideraveis, por quanto os precedentes lhe tinham provado que os soldados de Hespanha, se bem que corajosos, eram poucos para oppor a Viriato. Em Janeiro do anno 3816 chegou Unimano á Hespanha. O seu primeiro cuidado foi unir as suas forças, e reclamar da Provincia todos os reforços de que pudesse dispôr. O resultado foi bem mesquinho, pois que só em Abril é que pode por-se em campo.

Viriato poupou-lhe o trabalho das marchas. Sahio da Lusitania com o seu exercito, e veio ao encontro do primeiro, Claudio que não esperava isto, ficou um tanto desacorçoado, e não menos os seus soldados, a cujas fileiras o nome do Lusitano levava o desanimo e irresolução. O Pretor mandou desenrolar bandeiras, e com um apparato que lhe não permittia o seu cargo, acommetteu Viriato. Os Romanos combattiam unidos, para que as companhias não pudessem ser rompidas. Cuidavam d'este modo alcançar a victoria; Claudio formou as mais lsongeiras esperanças á vista da maneira porque o capitão Lusitano ordenava a sua gente.

Era costume muito antigo de Viriato: dividia os seus soldados em companhias tendo o cuidado de destacal-as da maneira que em caso de necessidade elles podessem cortar a retirada ao inimigo. Claudio, que bem longe estava de prever as vantagens que resultariam para Viriato d'esta ordem de combate, conheceo o seu erro. Acommettendo os Lusitanos, vio-se em um momento com as suas fileiras desordenadas, e seus soldados cahindo ao peso de um combinado ataque dos primeiros. Nunca batalha nenhuma entre os Romanos e Viriato foi tão disputada. Aquelles dispunham de forças muito superiores ás d'este, mas o que era isso para a coragem e valor dos Lusitanos?! E' em Apiano que nos fundamos. Claudio foi completamente desbaratado; do seu formidavel exercito restavam apenas fragmentos dispersos! Para seguir a sorte da maior parte dos seus predecessores, abandonou o campo, salvando-se, graças á ligeireza de seu cavallo Andaluz.

Os despojos foram immensos! Viriato temeu que as riquezas honrosamente ganhas por seus soldados fossem causa de algum contratempo; deu ordem de retirada e atravessou a Lusitania aos vivas entusiasticos de seus habitantes! Para fazer conservar a memoria desta batalha adornou de arcos triumphaes os montes mais altos, nos quaes se viram tremular por muito tempo as bandeiras que os Romanos perderam n'um tal dia !...

XIII.

Claudio Unimano apressou-se em participar a Cayo Negydio, Pretor da Provincia exterior, o resultado da sua *fanfarronada*. O primeiro, querendo vingar a derrota do seu patricio, penetrou pela Riba de Coa, e com um furor inaudito hia queimando e assolando tudo que encontrava. Os desgraçados habitantes, não tendo quem os defendesse, abandonaram suas casas e haveres a estes barbaros, e foram procurar refugio nas montanhas vesinhas. Tanto que Viriato teve conhecimento d'isto comprehendeu que Claudio o que desejava era arredal-o das proximidades em que este se occultava, para d'esta sorte previnir-se e ganhar forças de novo.

Quiz deixar de satisfazel-o, mas uma circumstancia terrivel o forçou a hir em pessoa castigar Negydio, não obstante poder mandar socorros aos infelizes perseguidos. Estes successos tinham lugar perto de Viseu, onde habitavam os parentes de Viriato; o receio de que elles soffressem da parte dos Romanos, e sobre tudo a impressão que lhes causavam as noticias que a cada momento recebia d'aquelle lugar, o forçaram, como dissemos, a procurar o Pretor.

Este nem animo teve para o esperar. Logo que soube da approximação do Lusitano esqueceu as suas barbaridades, e tratou de se pôr ao abrigo do poder de Viriato. Fortificou-se em um campo descoberto, rodeando a sua gente de grandes *valos* de terra, os quaes existiam muitos seculos depois.

Ha tradições curiosas respeito a estes *valos*. Diziam os habitantes do lugar que elles tinham sido abertos para contruirem a cidade, mas que o trabalho fôra tão excessivo que custou a vida a muitas pessoas. Acrescentam, para dar-lhe um colorido mais poetico, que os bois destinados a tirar a terra urinavam sangue. Estas e outras versões, transmittidas de seculo a seculo, provam que em todos os tempos os visionarios se deleitam a inventar historietas semelhantes... Viriato, á vistas immensas fortificações de Negydio, achou que era impossivel qualquer ataque, mas ousado como era não quiz recuar-se.

Começou por interceptar todas as communicações aos sitiados, impedindo-os até de receberem viveres. Ordenou emboscadas, e em pouco

tempo os Romanos, reduzidos ao ultimo extremo, foram obrigados a dar batalha.. De parte a parte foi renhida, a fome, a sede, e o melindroso da situação dispunha os Romanos a uma defeza heroica. Viriato porém não queria de mentir a sua reputação de bravo, e as consequencias são fa- ceis de prever. Negydio salvou-se pela fuga, deixando o campo coberto de mortos e feridos.

Entre os captivos ficou um nobre e valente mancebo por nome Lucio Emilio, o qual amava a Lusitania como sua patria. Mais tarde diremos o fim que lhe deram os habitantes de Riba Coa, chamados Laucienses Transcudanos.

(*Continúa.*)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

MARTYRIOS.

(Continuação).

Voltemos a Luiza.

Pela carta de Alexandre o *Coxo* sabem os leitores que Lourenço descausára em Armamar algumas horas, para proseguir na sua viagem, durante a qual Luiza teria de soffrer novos golpes, novas angustias.

A dor excessiva faz perder a razão. O espirito envolve-se de um veu espesso e impenetravel, onde não penetra se quer um pequeno raio de luz para esclarecel-o.

Se a desgraçada menina não tinha enlouquecido, é porque Deos a dotára d'essa resignação tocante que é exclusiva dos martyres. Depois que fora sacrificada aos desejos brutaes de um infame, perdera toda a esperanza d'esta vida, e aguardava a morte como unico linitivo a seus males.

Que importava para ella a liberdade se aos olhos do mundo era a mulher perdida—a mulher manchada ? ! Haveria um ou outro ente generoso que lhe abrisse os braços, chorando com ella, mas o resto contemplal-hia com escarneo.

Dotada d'esse instincto particular ao seu sexo, Luiza sabia que a sociedade absolve quasi sempre o forte, condemnando o fraco. Depois julgava-se repellida por Carlos; entre o seu amor collocára-se um obstaculo invencivel, e comprehendia que por mais violento que elle fosse, o mancebo recuaría ante a idéa pungente de que a joven não era mais essa menina pura e ingenua dos passados tempos.

Luiza não se defendia mais, entregava-se exhausta, e como que não existisse.

A infamia de Lourenço matára-lhe todos os

sentimentos, seu coração batia porque a vida se não extinguiu ainda.

Veio porém o momento em que a mulher se erguia de novo revestida de todo o seu poder e dignidade! Ella tornava a achar essa coragem que nasce de uma convicção firme, essa coragem que costumamos oppôr aos desejos irrefreaveis de qualquer pessoa que ha perdido todos os instinctos humanos! Em quanto que Lourenço occultou a sua negra traição, Luiza não se expunha a corar senão em sua presença, a dshonra, sendo pouco conhecida, impedia-a de reclamar o respeito que é devido ao infortunio, e se pudesse chorar restava-lhe ao menos a consolação de não ser vista. Mas para Lourenço era pouco o que lhe tinha feito soffrer; esta alma damnada comprasiase em tortural-a, e cada dia marcava um novo tormento.

Elles deixaram Armamar; Alexandre informando Martha de que seguiam a direcção de Travanca, enganava-se. Lourenço tomava uma estrada inteiramente opposta, era para Fontello que se dirigia. Vamos enconral-o em uma pequena quinta perto d'aquella villa.

São onze horas da noite do mesmo dia 5 de Janeiro.

Para esclarecer o leitor precisamos descrever-lhe o logar em que se acha a quinta em questão. Sobre uma eminencia escabrosa e rodeada de algumas pequenas e insignificantes arvores, construiu o Sr. B. C. uma linda casa de dous andares, a qual parece servir de phantasma no meio do isolamento em que está. Se foi capricho de morgado ignoramos-lo, é certo que essa casa leva a palma a quantas se veem por aquelles contornos, e os mais exigentes a citam como modelo.

Nada ha que possa rivalisar com a sua elegante e estudada construcção; pertenderam adicionar-lhe um jardim, mas a lembrança não foi das mais felizes. Desmente o bom gosto que presidio á execução de sua companheira, e é provavel que a esta hora o Sr. B. C. seja da mesma opinião. O distincto morgado habitava n'ella uma pequena parte do anno, o seu caracter eminentemente agricola chamava-o a outros lugares, e a não serem alguns apaixonados da cassa, e do excellent panorama que se devisa d'essa eminencia, a casa estaria quasi sempre abandonada.

Lourenço tinha relações com o proprietario. Julgando enconral-o resolveu descansar ali, porque Luiza pedira com instancia para não continuarem na viagem. O Sr. B. C. estava em uma das suas quintas do Douro, Lourenço nem por isso deixou de utilizar-se do offerecimento de um dos creados que o conhecia, e installou-se no primeiro andar.

A desgraçada menina quiz recolher-se ao quarto que lhe destinaram, e sabendo para experiencia

que o seu perseguidor reclamaria um logar n'elle, pediu-lhe que a desculpasse por aquella noite. Va-se deitar, respondeu elle com brutalidade; é asneira fazer-me um pedido que bem longe estou de satisfazer.

Mas, Sr. estou morta de fadiga, ha duas noites que não durmo, tornou Luiza, com um gesto afflictivo.

Pouco importa isso, eu não durmo ha quatro, vamos, recolha-se.

Dez minutos depois a joven dormia profundamente.

(Continúa).

A Religião e o seculo.

O fim do mundo está proximo. Somos ameaçados de um cataclysmo universal, pela impiedade do seculo! Assim dizem aquelles que desejavam ver-nos a braços com a superstição e fanatismo d'outr'ora; assim dizem aquelles que querem levar as crenças até ao ridiculo, como se apesar dos seus repetidos protestos não hajam actualmente crenças sinceras! Loucos que sois, condemnaes-nos ao mesmo tempo que nos absolveis. Sob a apparencia de palavras de persuasão occultas idéas nocivas, e esses labios promptos sempre a diffundil-as amaldiçoam a mão que se vos estende generosa. Para que essa super-excitação de pensamentos se elles vem augmentar os ressentimentos d'aquelles que ameaçaes?... O philosophismo do fim do seculo passado fez nascer essa indifferença religiosa que predomina na sociedade actual. A palavra é vossa, entretanto que procuraes n'esses mesmos philosophos uma manifestação de crenças arreigadas, que em vão procuraríeis nos vossos escriptores predilectos. A que vem pois essa accusação pueril? Entendo-vos, comprehendéis a religião com tudo que fór ostentação directa e exterior; embriagaes-vos n'esses infinitos *specimens* do culto a vosso modo, e lançaes á turba um olhar perscrutador destinado a manhecer da impressão que n'ella causa a vossa maneira de observar os preceitos de Deos. Quantas vezes quereis que se vos repita que essa exaggeração de principios seria hoje um anachronismo? Quantas vezes quereis que vos digam que a civilisação fez mais em dez annos do que poderíeis fazer em cem, por meio da execução dos vossos absurdos principios?

A impiedade está condemnada desde o principio do mundo: *Impius facit opus instabile*. Impiedade?! e como quereis lançar esse anathema ao presente, se o passado que é vosso foi um passado de impiedade! De que nasceram as guerras religiosas que assolaram por tantos annos a Europa inteira? De que nasceu essa multidão de

scismas que trouxeram a Christandade em continuo conflicto? De que nasceo a subdivisão de crenças? Conseguistes por ventura a extirpação completa do erro, vós que dispunheis de tantos religiosos, de tantos apóstolos? Conseguistes atalhar um *Saint-Barthelemy*, as guerras religiosas da Allemanha e a revogação do *edicto de Nantes*? Conseguistes reunir tantos homens dispersos, que se encontravam, se batiam, marchando sempre a um fim principal? Conseguistes alistal-os na religião de Christo? Como apregoaes tantos serviços a bem de Deos, se hoje com menos ruido, com menos ostentação, poderemos levar ás sagradas aguas do Jordão aquelles que as desconhecem!? Como quereis alcançar pela força aquillo que só a persuasão autorisa? Condemnaes-vos absolvendo-nos. Como pertendeis esclarecel-os por meio de fogueiras que tinham unicamente a virtude de satisfazer mesquinhas vinganças?

Se a luz nasce aos rectos nas trevas, como empregaes os meios extremos? *Exortum est in tenebris lumen rectis*. Pesa-vos a liberdade de obrar deste tempo, pesa-vos muito o dominio directo de dous poderes que desconheciéis outr'ora, e que não reconheciéis hoje porque elles contribuem a desmascarar-vos. É pueril a maneira porque argumentaes; tendes crenças arreigadas, não vos quero mal por isso, mas para que condemnaes o exiguo presente absolvendo o vosso grande passado? Para que reclamaes do seculo actual aquillo que vem de vós? para que nos attribuis a indiferença religiosa, se trabalhastes para ella? Abusastes do tempo e das circumstancias, o poder que vos confiaram produziu resultados que bem longe estaveis de prever; encarastes o abysmo quando já não tinheis esperanças de salvação, e precipitando-vos nelle querieis que vos acompanhássemos na quêda. Deixae-nos, cedei á geração que nasceu ao ronco do canhão, ao sybillar das ballas, esse poder de que tanto abusastes, recolhei-vos ao Templo, regae seu pavimento de lagrimas de arrependimento sincero, e depois talvez que mil braços abertos vos recebam; choraremos comvosco, e Deos levará em conta tanto o vosso arrependimento como a nossa fraternidade.

O Catholicismo caminha sempre ovante; essa indiferença religiosa, se é que existe, não está por tal fórma arreigada que possa fazel-o esquecer; no meio desse tumulto do seculo ainda haverão almas animadas do mesmo reflexo divino que inspirou os martyres d'outro tempo, que se votaram ao bem de Deos e da sua religião.

Os homens deste seculo que chamaes impio estão de tal modo corruptos que não traduzem nas maravilhas que os cercam o poder do Creador? Esta certeza contribuirá para que o temam, é pois: *Initium sapientiae timor Domini*. Disse Deos: amae a Deos sobre todas as cousas e ao

proximo como a vós mesmos. Podemos amar a Deos sem que os vesinhos saibam que lhe dirigimos ardentes preces. É naquelles dous mandamentos que está a essencia da religião. Cumpri-os e tereis cumprido tudo.

Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1856.

DR. R. C.

● Dominó Encarnado.

POR

XAVIER DE MONTEPIN.

Traduzido

POR

D. A. MACIEL DO AMARAL.

III.

O AMANTE DE PEPITA.

Em quanto se passavam, no palacio Fornasari, os successos que acabamos de referir, uma scena quasi identica tinha lugar na casinholá proxima da Madona. Um homem em trajés de pescador e mascarado, abriu a porta que praticava com o cões, entrou na primeira sala que achou deserta, bateu docemente n'uma porta que communicava com um outro quarto, e uma voz de moça perguntou do interior: — Quem está ahi? — Eu, Beppo. — Entrai, amigo, estou só com meu pai. A moça que acabava de fallar estava em pé, perto de um ancião de longas cans, recostado em uma poltrona, beirando á janella e cuja cabeça bella e nobre recebia um character da cicatriz d'uma cutilada, que partia do alto da testa até abaixo da face. Este ancião estava envolto em capote de lã, e suas pernas repousavam sobre uma cadeira. O recém-chegado, desmascarando-se, deixou visiveis as feições do bravo Mammone. Um sorriso expandiu o rosto do velho soldado, envidou fazer um signal affectuoso, e seus labios murmuraram alguns sons intelligiveis. A paralisia havia-o tornado surdo e mudo. Beppo chegou-se a elle, travou-lhe da descarnada mão e levou-a a seus labios com uma ternura respeitosa.

— Como vai elle hoje, Pepita? perguntou á moça. — Como sempre, Beppo. Sofre com coragem e nunca larga o seu rosario. Com effeito, via-se entre os dedos do velho um rosario de grossas contas de ebano terminado por uma pequena cruz de prata. — Ha muito tempo que não nos vimos Beppo! — Não me foi possível vir hontem. — Felizmente, porque me não terias

achado. — Sahiste? E o bravo não pode refrear um assomo de surpresa e de inquietação, ao pronunciar estas palavras. — Não vos assomeis, Beppo, não fallei com viva alma, ninguém mesmo attentou em mim; sahi porque meu pai e arraijos domesticos o reclamavam. — Recolheste-te tarde? A' bocca da noite; porém, as praças e os cães regorgitavam por tal forma de povo, que eu não corria mais risco do que em dia claro. Tive entretanto um susto de morte. — E porque? — Porque a tresentos passos pouco mais ou menos daqui encontrei pescadores carregando um cadaver que acharam nas lagunas. Que bello moço elle era, Beppo! O misero fôra assassinado na vespera, e dizia-se que trazia a marca desse infame ou antes dessa fera que se chama *Mammone*! Diziam isso? murmurou o bravo com voz alterada. Sim. Mas diz-me Beppo, será verdade que existam em Veneza homens capazes de matar por dinheiro? Custa-me a acreditar. — E' verdade e mais que verdade.

— E a justiça deixa-os viver? — Sim. A justiça que vale a justiça humana?... — E a maldição do Céu não peza sobre elles? Talvez. — Oh! eu sou apenas uma fraca mulher, mas, se minhas supplicas tem guarida no Céu, meu Deos, amaldiçoai-os! — Cala-te, Pepita, cala-te criança; tua boca é pura e não deve dirigir a Deos senão invocações de perdão. Nunca amaldiçoies. Acaso não pode Deos perdoar? E sabeis além disso o que soffrem esses homens? Conheces por ventura seus remorsos? Quem sabe se uma terrivel fatalidade peza sobre elles e lhes brada: Sangue! Sangue!

Fallando estas palavras, *Mammone* tinha-se tornado branco como um lençol.

— Talvez tenhaes razão, Beppo, replicou a moça, apoz um momento de concentração, porém para crimes taes sou inexoravel. Compreendendo que se fira por odio: eu sou Italiana! Compreendendo igualmente que se fira por vingança, e creio que Deos pode perdoar. Mas, matar por dinheiro!... comprehendéis acaso isso, Beppo? — E, se é um desejo de vingança, que arma o braço do bravo, se um odio profundo para todã a casta de nobres fatuos e orgulhosos, o impelle a vender seu punhal a fim de que se destruam reciprocamente, se sonha na liberdade, se fere os poderosos para ser livre! comprehendes isto, Pepita? — Não, porque esses projectos de liberdade, de odio e de vingança, não podem viver a par da avidez do ganho, no coração d'um bravo preceito. — Quem sabe!... Renzo pronunciou estas palavras com inflexão tão estranha, que Pepita não pode deixar de encaral-o — Para que contristar-vos com palavras sinistras, Pepita! retorquiu bravo, para que quando nos achamos juntos, fallar de morte e de sangue? Não é melhor, me diz, pensar em nosso amor? — Sim,

Beppo, porém vós é que ha muito tempo não vos occupais do nosso casamento — Porque actualmente é impossivel.

Como assim? — Pepita, amo vosso pai, bem o sabes, como se fôra seu filho, e todavia em quanto Deos não houver terminado seus longos soffrimentos, chamando-o a si, não podemos unirnos — Não comprehendo essa necessidade de ensopear em lagrimas a nossa felicidade, e de não poder trazer a grinalda de noiva, sem um vestido de lucto; mas emfim esperearei, Beppo! Esperarei, velarei. N'este momento ouviu-se bulha na primeira saleta, e Renzo mascarou-se precipitadamente. Era uma vesinha que vinha inquirir da saude do pai de Pepita, e que pouco se demorou.

(Continúa).

Lagrmas.

O. D. C.

A MEU PADRINHO

O Revm. P.^o João Bento d'Abreu.

Oh! eu quero chorar!... deixai humanos
Por minhas roxas faces descarnadas,
N'esta hora pela dôr tão comprimido,
O meu pranto amargoso deslizar-se!...
Deixai humanos oh! deixai qu'eu verta,
N'este instante, uma lagrima sentida,
Gerada bem no fundo de minha alma!...
Não me estorveis oh! não... fraco e humilde
De saudade pagar quero um tributo,
Melancolico e severo n'este dia
Que tanto á dôr e a magoa me convida,
Por um ente a quem sob as mãos do Altissimo
Eu a existencia devo cá na terra;
O qual já não pertence ao rol dos vivos!....

Meu pai! em doce paz lá onde habitas
Dos justos na mansão onde te occultas,
Lá onde aos olhos meus emfim, cansados
De amargo pranto derramar te escondes,
Ouve meus tristes ais, ouve meus carmes,
Os queixumes, emfim, que lá te envia
Sincero o coração d'este teu filho
Que infeliz peregrino sobre a terra
Ao desamparo soffre... oh! soffre muito!...

Um anno! oh desventura! um tão sómente...
O quanto é desditosa a sina minha)

Pobre infante, no berço ainda embalado
 Da fragil meninice, um anno apenas,
 Banhada em pranto minha mãe coitada
 Cobrindo d'oscuros minha tenra fronte
 De idade só em mim contar podia!
 E já d'um pai amigo para sempre
 Com o perdido, amparo oh! negra sorte
 Mãe um orphão desdito éra eu no mundo!...

Oh! se acaso, meu pai te fosse dado,
 Se permitido fosse ainda voltares
 A este val de pranto e de amargura
 Onde deixaste a esposa carinhosa,
 Em pranto debulhada, e mais ainda
 A trez innocentinhos a quem d'este
 O ser e vida, quanto lastimaras
 A desventura vendo, que orphão triste
 De vós na idade tenra, orphão ainda
 D'uma mãe qu'inda vive mas distante
 Da qual por um espaço dilatado
 E' forçoso viver na triste ausencia,
 Não deixa tão cruel de perseguir-me!...

II.

Céos! que lugubre som! que atra harmonia
 Vêm ferir meus ouvidos!....
 Que me dizem do mundo hoje os espaços
 De crepe revestidos?

O que me diz o véo opaco e denso
 Que envolve a redondesa?
 D'estranha melodia o que me falla
 A voz da natureza?

O que me diz do mocho, na espessura,
 O piado agoureiro?
 Por meio dos ciprestes ciciando
 Favonio passageiro?....

O que me diz o suspirar saudoso
 Da proxima cascata?
 Por entre a relva o murmurar ligeiro
 Da lympha côr de prata?....

O que me diz gemendo, na flôresta,
 A rolinha innocente?

Da pomba, agasalhando seus filhinhos,
 O arrolar tristemente?

O que me diz de par em par aberto
 O recinto sagrado,
 Do campanario augusto, crebro e rouco,
 O dobre compassado?....

O que me diz a vaga entre queixumes
 Na praia em escarceos?
 De luto e magua envolta o que me falla
 A morada de Deos?....

Que dizem-me esses lubricos cantares
 Sob as naves que echoam?
 Do orgão triste as vozes, que gemendo,
 Pelo espaço resoam?....

O que diz-me esta scena pavorosa
 Que ante mim se apresenta?
 O pranto amargurado de mil olhos
 Que tetrico rebenta?

O que me diz de incenso em rolo a nuvem
 Que se eleva té os Céos?
 O pallido brilhar da luz a furto
 Por entre os mausoleos?!...

Céos! lá distante como escuto um echo
 De mil sons compassados!....
 Ouvidos presto.... Deos!.... elle responde:
 E' dia de finados!

E' dia de finados! caminhemos,
 Irmãos! vamos orar....
 As leusas vamos dos funereos tumulos
 Com o pranto orvalhar!....

Vamos depositar ante esses restos
 De inanimado pó
 De suidade ainda ao menos repassada
 Uma lagrima só!

III.

Hoje é dia de finados
 Deixem-me eu quero chorar!

Quero de braços crusados
 Ir ánte a cruz me prostrar...
 Quero ante Deos humilhado,
 Pensar a sós contristado,
 No que heide ser, no que sou....
 Quero uma prece sentida
 Aos Céos mandar condoida
 Por quem o mundo deixou !

Quero por entre as moradas
 Dos mortos ir divagar....
 Quero essas longas ossadas
 Ir com meu pranto orvalhar...
 Quêro ir sentar-me perdido
 N'esse lugar mais horrído
 Onde ninguem parar vai....
 Quero sósinho e choroso
 No lugar mais silencioso
 Ir conversar com meu pai !...

Quero chamal-o a meu lado
 Quero dizer-lhe quem sou,
 Quero com elle abraçado,
 Meu pai, dizer-lhe, aqui stou;
 Quero contar-lhe as torturas
 N'este valle de amarguras
 Tão joven que hei padecido,
 Quero pedir-lhe em segredo
 Me leve-d'este degredo
 Onde ao despréso hei vivido !

Quero que ao menos me falle
 Com paternal puro amor,
 Que por momentos me embale
 Esta existencia de dôr....
 Quero que diga : « meu filho
 Segue, não percas o trilho
 Da virtude que segui ;
 Vive essa vida do justo ,
 E tem fé que o braço augusto
 Do Ser Supremo é por ti »

Oh ! quero ouvir essas fallas
 D'um pai que não conheci !
 Quero no peito guardal-as,
 Guardal-as bem para mi....
 Pallido inda e descomposto
 Nos traços lér de seu rosto

Quero a paterna expressão ;
 A poz o braço estendendo
 Quero me deite volvendo
 Ao outro mundo a benção !...

Rio de Janeiro, 3 de Novembro de 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

A suicida.

De que val sem honra a vida
 Ser do mundo escarnecida
 Desprezada ?!
 De meus pais a mesma sorte,
 Que escolher... a vida ou morte,
 Desgraçada !

Oh sim, sou bem desditosa.
 Tão joven inda... e sem honra !
 O culpado, oh quem sabe,
 Fui eu ou elle ?... só Deos,
 Que o mundo não criminosa
 Julga só a deshonrada !

Nas entranhas sinto um ente...
 Meu filho, pobre innocente
 Morrerás !...
 Matar-te pobre filhinho,
 Que fizeste ? !... innocentinho
 Viverás.

Se vires quem dar-te um nome,
 Teu Pai ? não, que desprezou-nos !
 Queres ser filho do erro,
 Trazeres marcada em fronte
 A vergonha ?... desgraçado!
 E tua mãe viver podia !...

Os meus pais constantemente
 Tem vivido honrosamente,
 Imitai-os ?
 Nessa vida tão honrada
 Do mundo tão respeitada...
 Ultragei-os !...

Eu já vejo as venerandas
 De meus pais cans nodoadas !
 Não longe também deviso

Os sorrisos d'ironia
Lançados em frente sua,
E devo viver ainda ?

Oh meu Deos... amei-o tanto,
Era tão puro e tão santo
Esse amor,
Que o meu ser todo offertei-lhe
A minha honra entreguei-lhe
Sem temor!...

N'esse dia, no delirio
Da ventura... fatal dia !
Jurou-me por sua vida,
De seus pais e até por Deos,
Que cubriria a deshonra
D'aquella que o amava tanto !

Oh! e eu cri, por que pensava,
Que aquelle que assim jurava
Compriria !...
Sem mesmo taes juramentos
Não tinha pressentimentos
Não temia !

E de que, se tantas veses
De seus olhos tinha visto
Correr tão sinceras lagrimas !
De seus labios, Deos, que fallas
Meus ouvidos escutaram !...
Não é isto tudo um sonho ?...

Um sonho, não desgraçada !
Tu és hoje a abandonada
Teu viver ? !...
Foi lançado n'amargura,
Té que o corpo a sepultura
T'esconder !...

Sim, oh ! sim, aquella corda
Meus dias findará breve !
Ouvirá só ella as ultimas
Palavras, de dôr transidas,
Que serão sincero adeos
A meus pais... e mesmo a elle !

E tu meu filho, coitado !
Tambem morres, desgraçado,
Sem um ai
Desprenderes !... duas vidas
No inferno submergidas
Por teu pai!...

Adeos mundo, adeos p'ra sempre !...
Morrer ainda tão joven ?...
Tão joven sim, mas sem honra!
Oh ! meu Deos, perdoa ao menos
A elle... quem foi culpado,
Vós sabeis, amava o tanto ! ?...

Seu rosto bello e sereno
Volveu-se com sangue frio,
Encarou a fatal corda
Não tremeo mas sim surrio ;
Os seus labios murmuraram
Seus pais, um nome... e ficaram
Inertes, mudos sem côr,
Era a pallidez da morte,
Que findava a triste sorte
D'esse desgraçado amor !

PEREIRA RIBEIRO.

No album do meu amigo

O SR. FRANCISCO COELHO MARTINS DA COSTA.

Que me trazes amigo ?... teu album ?...
Em teu album não posso escrever !
Só se queres nas folhas singellas
Vêr meu pranto ligeiro correr.

Um segredo só tenho no peito
Eu não posso nem devo conta-lo....,
E' segredo que ao seio da campa,
Eu sómente pertendo leva-lo !...

Rio de Janeiro, 3 de Novembro de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).